

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

PIETRO SANTOS CAIEL

**ALÉM DO ARCO-ÍRIS: A REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS
HOMOAFETIVOS MASCULINOS EM *RUMORES DA CIDADE* (2022)**

Gaspar

2024

PIETRO SANTOS CAIEL

**ALÉM DO ARCO-ÍRIS: A REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS
HOMOAFETIVOS MASCULINOS EM *RUMORES DA CIDADE 2022***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português Licenciatura a da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras Português.

Orientador: Fabiane Lazzaris

Gaspar

2024

PIETRO SANTOS CAIEL

**ALÉM DO ARCO-ÍRIS: A REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS HOMOAFETIVOS
MASCULINOS EM *RUMORES DA CIDADE* (2022)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras -
Português da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em
Letras - Português.

Dissertação defendida e aprovada em: 9 de agosto de 2024.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª Fabiane Lazzaris
Orientadora
(Unipampa)

Prof. Dr. Luiz Herculano de Souza Guilherme
(IFSC)

Prof^a. Dr^a Ariane Ávila Neto de Farias

(IFFAR)



Assinado eletronicamente por **FABIANE LAZZARIS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/08/2024, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Ariane Ávila Neto de Farias, Usuário Externo**, em 13/08/2024, às 16:00, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Luiz Herculano de Sousa Guilherme, Usuário Externo**, em 19/08/2024, às 18:40, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1514244** e o código CRC **74A2E29A**.

Dedico este trabalho aos personagens da
minha vida.

AGRADECIMENTO

A Profa. Dra. Fabiane Lazzaris, que gentilmente aceitou me orientar neste trabalho tão importante para mim como discente e principalmente como pessoa. Agradeço a sua bondade ao me orientar e ajudar a construir esta pesquisa. Ao professor Dr. Luiz Herculano, que foi meu professor regente durante o período de estágio e tanto me orientou com seus conselhos. Aos meus grandes amigos João Leonardo, Edgar e Mateus, pois jamais encontrarei em outros seres maior capacidade de resistir, somos tudo. Ao Antônio por estar aqui, agora e sempre, iremos compartilhar tudo isso, juntos.

“Em algum lugar além do arco-íris, bem lá no alto, há uma terra da qual eu ouvi falar em uma canção de ninar.”

Judy Garland

RESUMO

A presente pesquisa pretende investigar as representações homoafetivas masculinas na literatura brasileira contemporânea, além dos elementos que a caracterizam. Este estudo também irá abordar as contribuições que a teoria queer apresentou durante seu desenvolvimento e a forma como os teóricos queer apresentam estas ideias na atualidade. Para isso, traçando um panorama histórico e apresentando os principais representantes desta temática na literatura brasileira a partir dos anos 1982 data do lançamento do livro *Morangos Mofados* de Caio Fernando Abreu até chegar ao ano de 2022, data de lançamento de *Rumores da Cidade* de Lucas Rocha. A metodologia utilizada para a produção desta pesquisa é um estudo de caso da obra *Rumores da Cidade* (2022) do autor brasileiro Lucas Rocha, que apresenta uma narrativa Young Adult com personagens queer. Com isso pretende, partindo da obra *Rumores da Cidade*, abordar a representação de personagens queer na literatura brasileira contemporânea.

Palavras-Chave: Representação. Literatura. Homoafetivo. Contemporâneo.

ABSTRACT

This research aims to investigate representations of male homoaffection in contemporary Brazilian literature, along with the defining elements that characterize it. Additionally, it will explore the contributions of Queer Studies throughout its development and how contemporary queer theorists present these ideas. To achieve this, the study will provide a historical overview and highlight key representatives of this theme in Brazilian literature, starting from 1982 with the release of Caio Fernando Abreu's "Morangos Mofados" and extending to 2022 with the publication of Lucas Rocha's "Rumores da Cidade." The methodology employed in this research involves a case study of Lucas Rocha's 2022 "Rumores da Cidade," a Young Adult narrative featuring queer characters. Through this work, the research aims to explore the representation of queer characters in contemporary Brazilian literature.

Keywords: Representation. Literature. Homoaffective. Contemporary.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ESTUDOS QUEER	12
3 A LITERATURA HOMOAFETIVA BRASILEIRA: de 1982 a 2022.....	14
4 A LITERATURA YA	19
5 ESTUDO DE CASO: LUCAS ROCHA <i>RUMORES DA CIDADE</i> (2022).....	20
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

No Brasil contemporâneo, em especial a partir dos anos 2000, uma corrente literária tem se estruturado, pautada principalmente na diversidade, estas novas produções literárias dão voz a minorias sociais que não exerciam o protagonismo na literatura. Com as produções focadas em atingir um determinado público, os chamados Jovens Adultos, do termo em Inglês *Young Adult*, estas obras trazem temas atuais e que tratam de questões sociais utilizando uma linguagem acessível. É o caso da obra *Rumores da Cidade* (2022) do autor brasileiro Lucas Rocha, que traz como personagem um jovem homem gay em uma jornada na busca pela aceitação da sua identidade diante da sociedade e do círculo familiar.

O presente trabalho irá, a partir de um estudo de caso, investigar a forma como o autor Lucas Rocha trabalha em sua obra *Rumores da Cidade*, a representação de personagens queer, tema atual da literatura brasileira, produzindo uma obra que retrata personagens homoafetivos masculinos. Primeiramente apresentarei um panorama geral das obras produzidas no Brasil entre os anos de 1982 até o ano 2022, a fim de contextualizar as produções literárias deste período, identificando as principais diferenças e mudanças que ocorreram durante estes quarenta anos. Investigando os principais elementos usados tanto por autores queer quanto heteronormativos para representar personagens homoafetivos masculinos como protagonistas na literatura. Sendo o ano de 1982 escolhido por ser a data de lançamento da primeira edição da obra *Morangos Mofados* do autor Caio Fernando Abreu e o ano limite de 2022 por ser a data de lançamento do livro objeto de análise deste artigo, *Rumores da Cidade* de Lucas Rocha.

A presente pesquisa constitui-se uma vez que também surge a pergunta: “Por que não vemos artigos de análise sobre obras literárias homoafetivas atuais?”. A grande gama de produções com estas temáticas vem cada vez mais tomando as prateleiras das livrarias, sendo assim, esta questão é bastante provocadora. Seria esta temática menos atraente ou até mesmo indigna de análise? Pois estas dúvidas também trouxeram outras provocações que nos induzem a imaginar quais os caminhos que estas produções estão tomando no meio literário, e quais são suas origens na literatura brasileira contemporânea. Uma das principais motivações que me trouxeram a este tema foi o pensamento sobre a necessidade de compreensão das formas que a comunidade queer, ao qual faço parte, é representada. Ao ver como esta comunidade era representada em outros momentos na literatura nacional, ocupando espaços marginalizados, voltar o olhar para contemporaneidade é necessário.

Para respondermos a esses questionamentos, será necessário analisarmos o surgimento da comunidade LGBTQIAPN+ assim como os primeiros estudos que deram origem aos artigos e pesquisas que tinham esta comunidade como foco de investigação. Assim, após esta investigação, voltaremos a olhar para as produções literárias brasileiras queer, com foco em personagens homoafetivos masculinos protagonistas, e seus representantes contemporâneos.

2 ESTUDOS QUEER

Para começarmos a desvendar estes estudos, necessitamos primeiramente desvendar as origens do termo queer¹. Sua origem na língua inglesa tinha inicialmente um significado diferente do que vemos atualmente. De acordo com Miskolci:

O termo inglês queer é antigo e tinha, originalmente, uma conotação negativa e agressiva contra aqueles que rompiam normas de gênero e sexualidade. Recentemente, foi adotado e ressignificado pelo conjunto de teóricos que, em oposição aos estudos de minorias, decidiu privilegiar uma perspectiva crítica sobre os processos sociais normalizadores. (MISKOLCI, 2017, p.2)

A teoria queer utiliza-se de conceitos construídos por teóricos pós-estruturalistas que constituem termos que serão utilizados por estes autores para embasar o que hoje chamamos Estudos Queer. Os primeiros teóricos dos estudos queer embasaram-se nos escritos de autores como Jacques Derrida e o método desconstrutivo, onde a desconstrução seria um ato de anti-estrutura. No caso de Derrida, seus estudos serviram principalmente para analisar a forma de lidar com o outro. Neste sentido o outro sendo a heterossexualidade em oposição a homossexualidade como opostos comuns, mas um sempre inferior ao outro. Tal visão das relações sociais implica em uma relação de exclusão, onde uma vez posto em um centro de poder, determinado grupo social auto declarado como “dominante” torna-se excluidor dos demais grupos.

A exemplo de outro importante teórico utilizado pelos pesquisadores queer, vemos a obra de Michel Foucault que em *História da Sexualidade* (1976) investiga a sexualidade no mundo ocidental. Esta obra de Foucault trata das relações de poder na sociedade a partir da investigação de discursos heterogêneos dispostos socialmente, especialmente a forma que o sexo insere-se neste discurso como forma de discursos e práticas sociais validadas por estes processos. Onde “a sexualidade é um dispositivo histórico do poder que se desenvolveu nas sociedades ocidentais modernas desde fins do século XVIII e se baseou na inserção do sexo em sistemas de utilidade e regulação social.” (MISKOLCI, 2017, p.3).

Partindo destes estudos os teóricos queer começaram a desenvolver as teorias que teriam como foco a investigação dos elementos constitutivos desses grupos. Contudo, para estudar grupos não-heterossexuais, é necessário investigar também a própria heterossexualidade. Ciente destas necessidades, estudiosos ligados aos Estudos Culturais desenvolveram o que hoje conhecemos como Teoria Queer. Conforme Miskolci:

Surgida a partir dos Estudos Culturais, portanto fora dos departamentos de sociologia e antropologia, a Teoria Queer já tendia a priorizar a análise de obras artísticas e midiáticas. De qualquer forma, os pesquisadores desta corrente conheciam a linha do construtivismo social que formava a base dos estudos sobre sexualidade e gênero na teoria social canônica, mas consideravam que as pesquisas sobre “minorias” sexuais tendiam a reforçar crenças hegemônicas e, no máximo, tinham criado subáreas disciplinares, o que mantinha a marginalidade do objeto nas teorias socioantropológicas. A oposição crítica a este contexto institucional e à forma como os estudos construtivistas serviam aos interesses hegemônicos reforçou,

¹ Queer é uma palavra estrangeira mas aqui utilizaremos como termo, por isso não utilizaremos itálico.

ao menos inicialmente, a tendência que era priorizar a análise desconstrutivista [...]. (MISKOLCI, 2017, p.6)

O primeiro momento de uso do termo Teoria Queer aconteceu no ano de 1990, quando a pesquisadora Teresa de Laurentis utilizou o termo durante uma palestra na Universidade da Califórnia. Se for feita uma análise literal do termo, a pesquisadora utiliza duas palavras, que até então habitavam campos distintos, para criar um novo olhar sobre o termo. A própria palavra Teoria, sendo algo muito próprio do meio acadêmico, extremamente ligado às pesquisas e Queer, um termo utilizado historicamente de forma a inferiorizar o outro, rebaixá-lo ou diminuir sua identidade enquanto sujeito. Assim, o termo assume um papel que vai além de identificar o que seria posteriormente um campo de estudos, ele credibiliza a ideia de tornar relevante estes estudos ao meio acadêmico.

Judith Butler, importante pesquisadora na área dos estudos de gênero, é fundamental para compreendermos a formação dos estudos queer. Conforme Figueiredo:

O livro de Butler, Problemas de gênero, publicado em 1990, provocou uma revolução nas hostes feministas porque contrariava alguns dogmas. Ao questionar a distinção sexo/gênero e ao problematizar a razão de o sujeito do feminismo ser “as mulheres”, Butler apontava para a chamada “heterossexualidade compulsória” imposta pelas instâncias reguladoras do poder, ou seja, pelo discurso hegemônico. Dessa forma, ela visava abrir caminho para uma construção variável da identidade, que incluiria não só as lésbicas como também os transexuais e os intersexuais. Ela sinalizava, assim, o caráter construído de todas as identidades. (FIGUEIREDO, 2018, p.2)

Nesse sentido, os estudos de Butler provocam uma espécie de revolução ao questionar antigas verdades propondo um novo olhar entre os estudos feministas e os estudos queer. Uma das principais questões defendidas pelos estudos feministas era a distinção entre sexo e gênero, sendo sexo um domínio biológico, e gênero um artifício socioculturalmente constituído por um grupo dominante para manter seu domínio. Os estudos de Butler enfatizam uma ideia muito importante, que irá permear toda sua pesquisa em torno dos estudos queer: a performance do gênero. Para Butler, seriam os gêneros, ou a divisão binária deles, uma espécie de performance exercida pelos sujeitos, desde o momento em que são apresentados aos elementos de gênero. Conforme Butler.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2010, p. 201.)

Este conceito de performance de gênero discutido por Butler torna-se ponto chave nos estudos queer, uma vez que os elementos e signos que constituem os gêneros binários e mesmo os das identidades sexuais, são utilizados em uma forma de performance por estas comunidades. Esta performance seria contínua e intrinsecamente ligada a estes papéis de gênero e de identidade, muitas vezes imposta socialmente. Sendo assim, o conceito de performance compete como a imposição de

grupos tidos como “padrões” que impõe diretamente ou indiretamente estes “padrões” sob os demais, e assim mantendo esta dinâmica de ação.

3 A LITERATURA HOMOAFETIVA BRASILEIRA: de 1982 a 2022

No Brasil, a história da literatura passa por momentos importantes, desde a organização do sistema literário e dos primeiros autores do Romantismo até os autores mais contemporâneos. Considerando o Romantismo e sua contribuição para a criação de um sistema literário focado na representação da identidade nacional, temos um importante ponto a ser pensado: se os autores românticos, intelectuais da época, foram os primeiros responsáveis pela organização literária em nível nacional, até que ponto suas escolhas, crenças e visões de mundo interferiram nas produções literárias que foram produzidas neste período? Se for o caso, o quanto isso pode ter moldado as concepções da época? Estes autores tinham como proposta, em algum momento, representar personagens da comunidade LGBTQIAPN+ ou qualquer obra com esta temática estava fora de questão? Estas perguntas, têm uma origem de resposta comum, o fato da maioria dos autores deste período serem homens heterossexuais e detentores de um status socioeconômico que lhes permitia, além de produzir as principais obras literárias, opinar a julgar as produções da época. Sendo a literatura romântica, obviamente, influenciada pelos valores e ideias destes autores, é fato que estas ideias, que iriam servir e influenciar diversos autores e obras naquele período, estão ligados aos seus conceitos, dogmas e concepções de “ideal” literário destes escritores. Segundo Coelho:

O surgimento do romantismo no Brasil atendia ao desejo dos intelectuais e literatos brasileiros de atualizar a produção local em relação ao que se pensava e produzia na Europa. Uma coincidência contextual acaba por trazer relevância adicional ao romantismo brasileiro: o movimento de independência do Brasil. O indianismo surgiria como símbolo da tradição que dava liga ao impulso nacionalista emergente. Entretanto, na Europa, o romantismo era motivado como reação ao processo crescente de industrialização, urbanização e dos modelos de vida burguesa. No Brasil, a feição predominantemente rural e a industrialização ainda insipiente fizeram com que essa questão em particular parecesse estar em descompasso com o romantismo europeu. (COELHO, 2022, p.32).

Tais ideais nacionalistas, como a valorização dos símbolos nacionais, ao mesmo tempo que valorizaram os elementos nacionais, distanciaram os autores das reivindicações e pautas sociais, emergentes na Europa. Algo que só irá mudar a partir da segunda metade do século XIX.

Mas se inicialmente os autores do Romantismo não tinham interesse em olhar para as questões sociais, mantendo o foco no sentimento ufanista nacional, o Realismo e o Naturalismo da segunda metade do século XIX, apontaram os olhares para estas questões. Como antes mencionado, autores brasileiros já haviam produzido obras com a temática homoafetiva masculina desde o séc XIX. É consenso entre os pesquisadores que a primeira obra com esta temática publicada é o livro *O Bom Crioulo* de Adolfo Caminha, neste caso apenas o título da obra já valeria uma análise aprofundada. Na trama um homem negro

ex-escrevizado acende socialmente ao ingressar na marinha enquanto em certo momento tem contato com outro personagem, este, um homem branco mais novo. A história se desenrola em uma tragédia, algo que irá caracterizar as produções deste teor ao longo do tempo. Outra obra publicada neste período foi o livro *O Ateneu* de Raul Pompéia, onde o autor narra a vida de jovens em um internato no Rio de Janeiro. Em um trecho do romance Pompéia qualifica os meninos, estudantes do colégio, entre dois grupos: os dominantes e os frágeis. Conforme trecho do livro em que o personagem Rebelo aconselha o personagem Sérgio sobre a dinâmica do internato:

Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores. (POMPÉIA, 2004, p. 31)

Partindo deste trecho temos a ideia de como pessoas queer, neste caso homossexuais, eram vistos socialmente. associados a termos femininos. Vale ressaltar que embora ambas as obras apresentem personagens homoafetivos masculinos, não necessariamente este seja o tema central das narrativas.

A exemplo do caso do autor Mario de Andrade, que teve suas cartas reveladas ao público onde assume, indiretamente, sua homossexualidade. Este, talvez, sendo o primeiro caso de autor homossexual reconhecido de extrema importância e contribuição para a literatura nacional. Mesmo sendo um importante intelectual e um dos grandes idealizadores da semana de arte moderna do Brasil, Mário foi alvo de críticas sobre sua sexualidade, que ele mesmo nunca expôs em vida, sendo alvo de comentários e críticas dentre os próprios autores modernistas. Na edição de abril e maio de 1929 da *Revista Antropologia*, Mário de Andrade foi chamado de “Miss São Paulo”, “Miss Macunaíma”, “Dona Maria”, “a mais genuína representante da antropofagia feminina no Brasil” (Diário de São Paulo, 14 abr. 1929, p.6). Este episódio tornou Mário de Andrade o principal exemplo de caso de homofobia contra um autor brasileiro e mais uma vez evidenciou o preconceito existente, neste caso entre os próprios autores modernistas. Outras importantes obras com personagens que foram publicadas como *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa, um clássico da literatura brasileira com um final surpreendente para o personagem principal.

Contudo, o enfoque deste trabalho é a análise das obras produzidas no Brasil entre os anos de 1982 a 2022, que trazem personagens homoafetivos masculinos. A seguir veremos as principais obras, autores e características das produções com a temática homoafetiva masculina partindo do ano 1982, data do lançamento de *Morangos Mofados* de Caio Fernando Abreu até chegar aos anos 2022, data de lançamento de *Rumores da Cidade* de Lucas Rocha.

Em 1982, temos o lançamento de um dos livros de maior sucesso do autor Caio Fernando Abreu, a obra *Morangos Mofados*. Neste caso temos, talvez, a primeira obra brasileira focada em representar personagens homoafetivos em suas narrativas, isto porque a obra se trata de um conjunto de contos produzidos pelo autor que abordam a temática queer. Vários elementos, externos e internos, devem ser considerados para uma análise desta obra. Produzida durante o período de repressão da ditadura militar no Brasil, o livro carrega um

forte teor político, algo que casa muito bem com a sua temática principal. Sendo o próprio autor assumidamente homossexual, sua obra perpassa medos e amores carregados de uma verdade biográfica que, bem provavelmente, passa do autor para sua obra. O autor utiliza um gênero textual de fácil interação, o conto, para apresentar relações e personagens fortemente dramáticos, sejam em suas atitudes quanto em sentimentos. Caio despreza uma linguagem formal e dá voz a grupos historicamente marginalizados, prostitutas, travestis, drogados e homossexuais, em histórias, que embora curtas, causam reflexão no leitor. Por ter como foco estes personagens, os contos apresentam além de um forte teor político, elementos eróticos que irão estar presentes em diversos dos contos apresentados.

O tema do herotismo não é algo necessariamente novo na literatura, porém Caio, apropria-se dele como forma de dar veracidade às narrativas. É o caso do conto *Sargento Garcia*. Neste conto o autor apresenta o momento da entrevista para o alistamento militar de um jovem e o encontro com o militar responsável por esta entrevista. Esse encontro acaba por ocasionar um momento de intimidade e subversão carregado de herotismo entre os dois personagens. Segundo Carvalho:

Em conformidade com Souza (2010,p.55) “por um lado, a identidade gay está sendo defendida ou rejeitada e, de outro, há uma especificidade centrada no desejo homoerótico”. Ou seja, esse desejo faz com que o personagem Garcia sintase atraído pelo jovem Hermes, e queira vivenciar a prática sexual, transar e satisfazer sua fantasia com o rapaz. Isso faz dele um sujeito em conflito, pós-moderno, fragmentado, como nos diz Hall (1992): é o macho do exército que sente atração por um garoto e consome o ato sexual. (CARVALHO, 2021, p.342)

No caso de *Sargento Garcia*, Caio cria em seu conto uma representação fragilizada, em dúvida e insegura de um personagem homem homoafetivo masculino em sua descoberta enquanto jovem queer. A figura do Sargento Garcia aparece em contraponto ao personagem, como a representação masculina masculina, viril e imponente em uma dinâmica de intimidação sobre o jovem. Estas representações dualizadas de personagens homoafetivos masculinos tornaram-se um padrão que irá seguir presente de Caio.

Em *Morangos Mofados* (1982), as narrativas acertam em representar de forma crua, os personagens, que de certa forma faz-se necessário para o contexto das produções. A obra de Caio tem uma grande importância para a literatura brasileira, e mais ainda, para a comunidade LGBTQIAPN+ que talvez, pela primeira vez, se ve representada intencionalmente na literatura.

Em 1986, foi publicado o livro *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia a atualidade*, de João Silvério Trevisan, importante historiografia da comunidade queer do Brasil. A obra de Trevisan é considerada a mais completa pesquisa historiográfica sobre a formação da identidade homossexual no Brasil, desde a época do descobrimento até a contemporaneidade. Sua obra apresenta desde os primeiros casos registrados de homofobia no país, passando por momentos cruciais na formação da comunidade queer, até os dias atuais e as pautas defendidas por este grupo. Um ponto interessante apresentado na obra de Trevisan, é a forma como o contato da cultura europeia entra em choque com as culturas indígenas que já viviam no Brasil. Segundo Caruzo:

Em 1576, o português Pedro de Magalhães de Gândavo constatou que a sodomia estava presente entre os indígenas brasileiros como se não existisse a noção de homem e masculinidade, o que foi reafirmado pelo francês Jean de Léry em 1577. Livres dos estereótipos de sexo, os silvícolas brasileiros nada tinham a se preocupar quanto a se apresentarem “masculinos” ou “femininos”, haja vista a inexistência desses conceitos e atribuições de gênero. Trevisan remonta pensamentos do jornalista americano Allen Young (1973), que discute que o machismo e a homofobia disseminados na cultura latina e brasileira poderiam ser exterminados com relativa facilidade se comparados com os mesmos fenômenos enraizados na cultura europeia. (CARUZO, 2020, p.1).

No caso de Trevisan, a proposta da obra torna-se muito mais uma pesquisa histórica acompanhada de comentários do autor, do que especificamente uma obra literária com proposta estética. Porém, é uma obra de importante relevância histórica, ao provocar no leitor uma visita a momentos marcantes para a comunidade LGBTQIAPN+ durante toda a sua formação. O autor traça um percurso sobre as vivências e as formas da sociedade lidar com a homossexualidade, utilizando pontos-chaves. As repressões sofridas por personagens queer ao longo do processo de colonização, a repressão que membros desta comunidade sofrem durante o período ditatorial do Brasil, a violência e discriminação e violência instaurada contra todas as ideias que fugissem do “ideal” heterossexual. Esta obra de Trevisan segue impactando e servindo como referência para a comunidade queer no âmbito das pesquisas e historiografia, além de ser um ponto de partida interessante para as análises das produções queer no Brasil.

A partir deste ponto, a investigação das produções chega em um certo hiato, uma vez que novos escritos queer com enfoque em personagens homoafetivos masculinos deixam de ter uma produção assídua e de grande impacto. Embora outros textos com a temática queer tenham sido produzidos durante este período, como por exemplo a obra *Eu Sou Uma Lésbica* (1981) da autora Cassandra Rios e também um dos mais conhecidos livros com uma personagem transexual *Stella Manhattan* (1985) do autor Silviano Santiago. Estas obras em maioria tratam de romances queer com personagens de outras orientações sexuais e identidades de gênero. Ao tratar-se de livros que representavam personagens homoafetivos masculinos protagonistas na literatura brasileira, não houveram produções no período que se seguiu do início até a primeira metade dos anos 1990.

Com o fim dos anos 1980, chega também ao fim o período de maior repressão às artes e a literatura nacional, que foi a ditadura militar, onde diversas obras e autores sofreram com a censura prévia. Tal evento também influencia de certa forma o volume de produção queer em âmbito nacional. Contudo, personagens queer, em especial homens homossexuais, começaram a ser representados em outras formas de arte, especialmente na teledramaturgia, performando, infelizmente, um estereótipo que era dado por pessoas heterossexuais a pessoas queer. Ou seja, por mais que talvez pudesse haver uma intenção por parte dos autores em representar uma comunidade, esta intenção se valia de estereótipos sociais para provocar na audiência um certo teor cômico na maioria das vezes. Segundo Tonon:

Ao representar as identidades homossexuais na ficção, as telenovelas podem reforçar identidades estigmatizadas, em detrimento das identidades hegemônicas, ou propor universos de representação das novas identidades, sem atribuir-lhes estereótipos, evitando a ridicularização e a caricatura dessa identidade, oferecendo novos modelos de identificação, embora isso somente será verdadeiro se a audiência estiver disposta a dar visibilidade ao assunto e aceitar esse formato de representação. Afinal, as produções televisivas, nesse caso, necessitam da legitimação da audiência para que os índices correspondam às exigências comerciais das emissoras. A representação da identidade homossexual na mídia, especificamente nas telenovelas brasileiras, percorreu uma trajetória de mais de trinta anos na história da teledramaturgia nacional, e algumas representações de casais homossexuais em telenovelas enfrentaram manifestações de preconceitos mais intensas. (TONON, 2006, p.37).

No âmbito das produções literárias com temática homoafetiva masculina foi publicada a obra *O Terceiro Travesseiro 1998* de Nelson Luiz de Carvalho. Um romance LGBTQIAPN+ que retrata a descoberta da sexualidade de dois personagens masculinos, Marcus e Renato, que vivem um romance homoafetivo e conseguem fazer este romance ser aceito pelas famílias. Porém a dinâmica muda ao encontrarem uma terceira personagem feminina que desperta a bixualidade em ambos. Em 2007 veio o lançamento do livro norte americano *Call me by your name*, do escritor André Aciman. Este lançamento provoca uma grande agitação entre o público queer, por se tratar de uma história extremamente cativante de amor entre dois homens. A trama gira em torno da descoberta da sexualidade do personagem Elio, que aos 17 anos desenvolve um amor platônico pelo aluno de seu pai, Oliver. Ao decorrer da história, o autor constrói uma narrativa muito próxima da veracidade de casos de amor homoafetivo, e por trazer situações tão reais, torna-se um *best seller* em vendas mundiais. Sendo também uma inspiração para autores LGBTQIAPN+.

Com a década de 2010 se aproximando, a popularização dos meios de comunicação, redes sociais, uma nova corrente de produções literárias toma forma entre os jovens. Com a popularização da internet, surge um movimento entre os jovens que assumem, muitas vezes de forma anônima, a escrita neste espaço através das *fanfics*. Segundo Vargas:

Fanfiction é, assim, uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática. Os autores de fanfictions dedicam-se a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, que não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passa a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional, de deixar sua marca de autoria. (VARGAS, 2015: 21-22)

Sendo assim, as produções das fanfics tinham um apelo muito mais autoral e inspirados em outras obras que já existiam. Estas produções se popularizaram entre os jovens, que encontram neste gênero o espaço para criar histórias inspiradas em seus personagens, atores, cantores e artistas preferidos. Esta nova geração de leitores e escritores “amadores” vê a necessidade de representatividade na literatura, autores assumidamente queer assumem as narrativas e escrevem histórias sobre suas próprias vivências ou criam personagens que

representam de fato as identidades desta comunidade em suas próprias perspectivas e vivências.

Ao imaginar em um universo LGBTQIA+, por exemplo, figuras centrais de livros bem-sucedidos, da saga “Crepúsculo”, de Stephenie Meyer, à série de aventuras do detetive Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle, essas fics servem, para muitas pessoas, como uma poderosa ferramenta de autoconhecimento, de descobertas sobre a própria sexualidade, de confiança, de empoderamento e, também, de representatividade.

Além de criarem suas próprias narrativas, também se apropriam de histórias já conhecidas do público e adaptam cenários, contextos, personagens com uma nova abordagem, reinventando também as relações sociais e amorosas, e reimaginando possibilidades homoafetivas. Portanto, esse gênero ajuda jovens na descoberta da própria sexualidade, no empoderamento e na representatividade LGBTQIA +.

4 A LITERATURA YA

Com a formação de um novo público leitor, surge também a necessidade de produções literárias que os representassem. A literatura Young Adult, popularizada pela sigla YA, tornou-se o principal caminho que escritores queer encontram para produzir suas obras. No Brasil, o termo pode ser traduzido por algo como *Jovem Adulto*, que seriam jovens com faixa etária entre 18 a 24 anos, jovens que no geral assumem a maior idade e deparam-se confrontando a vida adulta e todas as questões que a envolvem. Sendo assim “a faixa etária do YA brasileiro é diferente da estadunidense, acredita-se que o YA brasileiro está mais próximo de outra subcategoria a New Adult (NA) entre 18 e 20 e poucos anos, pois acreditam que o YA nacional faz mais sucesso entre adultos, já o YA estadunidense entre 12 e 18 anos [...]” (MORAIS, 2023, p.21).

Sendo os romances Young Adult uma das formas dos escritores produzirem obras direcionadas a grupos específicos, autores queer utilizam-se desta ferramenta para produzir suas narrativas, uma vez que o público leitor terá uma certa facilidade em encontrar estas obras ao identificá-las por sua faixa etária. Porém, esta ferramenta torna-se uma estratégia utilizada por algumas editoras para, muitas vezes, venderem obras que geralmente não se enraizaram na literatura YA. Fazendo desta classificação uma simples categorização, na busca de não associar determinadas obras a outras classificações voltadas ao público jovem como é o caso das determinadas produções Infante Juvenil ou Juvenil, que por sua vez possuem outras características e especificidades.

Fato é que, embora a classificação dessas obras ajude leitores e escritores a se encontrarem em alguns momentos, obras e histórias em si não podem depender única e exclusivamente destas limitações. Leitores necessitam ter contato com histórias que os façam seguir com o hábito da leitura, e ao longo de suas próprias descobertas, encontrar seus próprios gostos pessoais para produções literárias.

5 ESTUDO DE CASO: LUCAS ROCHA *RUMORES DA CIDADE* (2022)

Nas narrativas Young Adult com personagens Queer, elementos de construção da história parecem comuns nessas produções. Algumas características recorrentes são: personagens Queer em momentos de autodescoberta e autoafirmação enquanto pessoas LGBTQIAPN+, contextos de exclusão destes personagens, demonstração de sentimentos como inseguranças, medos e interesses amorosos quase inatingíveis são recorrentes nestas obras. Em *Rumores da Cidade*, Lucas Rocha escala estes elementos próprios do gênero em uma proposta simples: representar este momento de autoafirmação do jovem enquanto assume sua homossexualidade.

Ambientado em um cenário fictício da pequena cidade de Lima Reis, no interior do estado de São Paulo, *Rumores da Cidade* traz personagens queer em um contexto que podemos pensar como um micro espaço. André, protagonista da história, é um jovem homossexual que vive seus dias entre a escola e o convívio com suas amigas. Crescendo em uma cidade onde todos se conhecem, esconder o fato de ser homossexual parece um desafio maior, em um lugar tão pequeno. Nos primeiros capítulos o personagem demonstra seus medos enquanto apresenta a sua rotina como estudante e estagiário no jornal local. O personagem André é filho do prefeito da pequena cidade, e sua jornada de afirmação enquanto jovem homossexual é intrinsicamente ligada ao fato de que a revelação de sua sexualidade para a família e a sociedade poderia abalar a carreira política do pai.

No primeiro momento, embora o personagem não sinta dificuldade em identificar-se como homossexual, ele não se sente confortável em assumir sua sexualidade para sua família, recorrendo aos amigos mais próximos para “revelar” sua sexualidade. Nas obras Young Adult, este dilema torna-se recorrente, uma vez que, os personagens jovens sentem que podem depositar maior confiança em seu grupo de amigos do que em seus familiares mais próximos.

A certeza de sua identidade sexual, torna o personagem confiante no sentido de autoafirmação para si mesmo e a principal forma que ele apresenta naturalmente esta afirmação é o interesse amoroso que nutre pelo personagem Diego. “Agora um pouco mais afastado do palco, dou um zoom em Diego e tiro mais duas ou três fotos em sequência, o coração batendo forte ao pensar que alguém possa reparar no meu gesto com objetivos pouco jornalísticos. Meus Deus, como ele é lindo.”(p.11) No trecho o personagem André descreve a forma que vê Diego, interpretando um personagem durante a peça de teatro da cidade.

Ou seja, a problemática apresentada pela história é muito mais direcionada para a forma que o protagonista pretende encontrar para evadir da situação que está, no início da história. O personagem afirma, logo no início do romance, que vive em constante estado de performance de uma identidade que é imposta socialmente pelos padrões: “minha vida inteira é baseada em manter uma fachada de perfeição: tirar as melhores notas, não me envolver em nenhuma confusão, sorrir quando poso em fotos ao lado dos meus pais, fotografar garotos bonitos discretamente, e, com certeza, não falar para ninguém que gosto de garotos bonitos.” (p.12)

Embora não mencione a palavra *gay*, o personagem não encontra limitação em referir-se a sua identidade sexual enquanto reflete sobre estas questões. Relatando em seus monólogos a vontade que tem de autoafirmar-se também diante dos pais e da sociedade: “Quero ser corajoso. Quero poder andar com uma camisa da Madonna, conhecer a RuPaul em

uma viagem para os Estados Unidos e usar maquiagem quando me der na telha, mas será que isso é possível?” André sente uma constante pressão pela manutenção de sua imagem enquanto filho do prefeito da cidade. Esta imposição pela manutenção da imagem duplica, uma vez que o personagem também precisa esconder sua sexualidade. Percebe-se que a pressão imposta socialmente aos corpos que performam identidades que fogem do padrão binário não é recente, e no contexto do personagem, agrava-se pelo seu status social.

Nos primeiros capítulos, o personagem reflete sobre questionamentos como a dúvida em revelar sua sexualidade para os demais ou mantê-la escondida até que tenha idade o suficiente para mudar para a capital e assim poder performar sua sexualidade sem a existência das limitações dos rótulos impostos pela pequena cidade. Essa necessidade de êxodo, ou fuga, que o personagem sente durante suas reflexões irá reaparecer nos capítulos seguintes com a chegada de outro personagem: seu tio Eduardo. Para o personagem mudar de cidade parece a melhor forma de não precisar necessariamente revelar sua sexualidade para a família “ Todos os gays que conheço estão na televisão ou vivendo suas vidas longe de cidades como essa [...] Deve ser mais fácil em uma cidade grande onde ninguém repara em você. Aqui é impossível. Ainda mais sendo filho do prefeito.” (p.94), André reflete no momento que assume sua identidade sexual para seu tio. Esta ideia de que a capital, ou seja, a cidade grande, é a única possibilidade do personagem encontrar a felicidade, é abordada em outras obras ou contextos como forma de dar aos personagens a esperança de que deve existir um lugar onde ele possa ser quem realmente é.

No seu núcleo familiar, André apresenta figuras comuns em um primeiro momento. Ao focar a narrativa em descrever o pai e a mãe do protagonista como um casal em crise, Lucas Rocha acrescenta mais um “obstáculo” no dilema do personagem principal em revelar ou não sua identidade sexual. Tal cenário muda com a chegada de Eduardo, tio de André, que ao chegar na cidade causa uma mudança na dinâmica familiar. Conforme descreve o personagem “Conhecer tio Eduardo me fez chegar a duas conclusões inevitáveis: a primeira é que ele parece ser uma pessoa muito simpática. E a segunda é que ele, com toda certeza do mundo, também é gay.” (p.58). Enxergando no tio a figura de alguém que assim como ele nasceu e viveu a adolescência naquela cidade sendo um jovem gay, faz o personagem vislumbrar um futuro.

Outra questão importante é a reação que o personagem percebe da mãe, quando Eduardo menciona a palavra “gay” a personagem não parece esboçar reação de surpresa ou estiramento “Como ele consegue ser tão seguro ao afirmar com todas as letras que é gay sem que isso pareça estranho ou faça minha mãe revirar o pescoço e encará-lo em choque. Por que minha mãe não olhou para ele chocada assim que falou aquilo, sendo tão católica do jeito que é.” (p.65). André parece surpreso pela reação “natural” de sua mãe à exposição do tio com sua identidade sexual, sem restringir-se ao mencioná-la.

Conforme conhece seu tio, André assume sua sexualidade para ele em um momento em que o personagem busca uma figura que seja capaz de compreendê-lo realmente.

Mesmo que as minhas amigas saibam sobre mim e eu possa confiar nelas, sinto que com tio Eduardo é diferente. Ele não é apenas a expectativa de um futuro que talvez esteja ao meu alcance, mas sim a confirmação de que posso, sim, crescer e ser do jeito que sou, mesmo contra todas as possibilidades de aceitação dessa cidade. É a

primeira vez que tenho sentimento de que alguém será capaz de me entender completamente. (p. 93)

A revelação de André para seu tio desenvolve a relação do personagem enquanto recebe conselhos do tio que o ajudam a compreender melhor sua identidade sexual.

Outro ponto relevante a ser analisado é a temática da religião na obra.

Lima Reis é descrita como uma cidade extremamente católica, e, conseqüentemente, uma comunidade bastante conservadora. Em alguns momentos, o personagem André reflete sobre a visão da igreja sobre a homossexualidade e as conseqüências que a possível revelação da sua identidade sexual poderia causar. Ao refletir sobre sua relação com a Igreja o personagem comenta no trecho: “Mas há algo que me mantém distante de tudo isso ultimamente. Talvez seja a percepção de que, não importa o quanto eu reze, não vou conseguir mudar o que sinto, e não quero ter que mascarar essa parte de mim apenas para me sentir bem-vindo em algum lugar.” (p.39).

A visão do personagem sobre o convívio no ambiente religioso é clara ao entender que a doutrina religiosa influencia a mentalidade dos moradores que não aceitam abertamente outras representações de gênero e identidades que fujam do padrão binário. O personagem reforça que

Ouvir padre Castro dizer em suas homilias sobre como ‘o mundo está perdido’ e como ‘a modernidade está acabando com o conceito de família descrito por Deus’ faz meu estômago revirar em agonia. Não é como se eu tivesse pedido para Deus me fazer gostar de garotos. rezei exatamente pelo contrário. Já passei noites tentando pensar em garotas, pedindo para me apaixonar por elas, na esperança de andar de mãos dadas com uma e mostrar para toda a cidade que eu era o orgulho do prefeito Ulisses Aguiar.” (p.39)

André demonstra um certo dilema interno que enfrentou em certo momento. Conviver entre uma comunidade religiosa que profere constantemente discursos que condenam a comunidade LGBTQIAN+ é um desafio para jovens queer, já que estes discursos além de influenciarem os familiares, atingem jovens queer com o dilema do “pecado” segundo estas doutrinas religiosas.

Juntamente com a temática religiosa, o tema da política é fortemente presente na obra. Lucas Rocha cria um personagem que tem seu status social vinculado à vida pública do seu pai, que é prefeito da cidade. Ulisses, pai de André, além de ser prefeito da pequena cidade, carrega em seu discurso político as mensagens das influências conservadoras que emergiram no país nos últimos anos. Em certo momento Ulisses tem um diálogo com Eduardo onde os personagens discutem sobre uma personagem queer mencionada “Como tio Eduardo está ali, percebo que meu pai se esforça para não começar a emitir suas opiniões sobre como é uma aberração que um homem se vista de mulher e se apresente para milhares de pessoas” (p.72).

Embora na presença de Eduardo, um homem assumidamente gay, Ulisses parece manter seu discurso de preconceito e pontua que “Todas as pessoas com quem falo nas ruas dizem o mesmo: essa modernidade ainda vai nos destruir. O que vem depois disso. Obrigar nossos filhos a conviver com esse tipo de coisa como se fosse normal. Esse pessoal tinha que ter vergonha na cara e não ficar expondo nossas crianças a esse tipo de coisa.”(p.72). A discussão causa no personagem André uma série de reações internas ao ouvir do próprio pai que sua identidade sexual deveria ser motivo de vergonha, e é desanimador o bastante para

fazer o personagem pensar o quão difícil será revelar para sua família sua identidade sexual. O personagem comenta que

Não é justo crescer ouvindo esse tipo de coisa. E não importa o quanto me digam que o mundo está mudando e as coisas são diferentes de como eram no passado. Agora, é isso que tenho que ouvir. É com isso que tenho que conviver diariamente. Por mais que meu tio seja uma fâsca de esperança sobre meu futuro, ainda preciso me lembrar frequentemente de que pessoas como meu pai estão por aí, disseminando seus preconceitos em jantares a portas fechadas, talvez para outras pessoas tão preconceituosas quanto ele. (p.73)

Lucas Rocha apresenta na figura de Ulisses os políticos conservadores que ascenderam na onda do conservadorismo que surgiu no país nos últimos anos. Aliados dos discursos de ódio contra minorias políticas e sociais, essa frente (também fortemente ligada a movimentos religiosos ultraconservadores) utiliza o preconceito como arma discursiva para atingir seu público com mensagens que inflam as massas ideologicamente alinhadas a esse discurso.

O personagem, ao longo da obra, desenvolve um romance com o personagem Diego, onde ambos passam a passar a compartilhar as inseguranças de viver um relacionamento homoafetivo em meio ao cenário da cidade. Embora ambos não tenham medo de falar abertamente sobre sua identidade sexual, o medo da rejeição das pessoas faz com que mantenham a relação em segredo. Em certo momento, ambos se encontram e o desenrolar deste momento reflete as projeções que os personagens fazem para o futuro, onde pretendem viver em um lugar onde não precisam se esconder para viver este romance. “Quero viajar o mundo e poder contar histórias sobre as pessoas.” (p.212).

Lucas Rocha descreve o relacionamento entre André e Diego de forma que ambos compreendam seus sentimentos mútuos um pelo outro, mas que por influência do contexto social, político e religioso que envolve os personagens no círculo de incertezas que existe na pequena cidade, a relação se torna mais um segredo para ambos. Os personagens compartilham o desejo de evasão do atual contexto:

Falamos sobre nossos planos para o futuro e sobre como gostaríamos que o mundo estivesse quando fôssemos adultos o bastante para navegar nele com independência. Concordamos que Lima Reis não é o lugar onde gostaríamos de passar o resto das nossas vidas, mas que também não é um mau lugar para envelhecer”. (p.211)

Ir embora da cidade parece ser a melhor forma de enfrentar (ou não) o dilema de assumir sua sexualidade. Ambos personagens concordam que viver um romance queer naquele contexto parece “impossível”.

O ápice do enredo ocorre quando André revela, diante de todos os moradores da cidade, sua identidade sexual, em uma cena que reúne a maioria dos habitantes em um comício de campanha política do pai André discursiva diante das pessoas “Então pai, se você acha que ser gay é ser menos, sinto te informar que sou menos e nunca fui mais feliz em toda a minha vida.” (p.314). Neste momento o personagem demonstra evolução ao compreender, com a ajuda de seu tio, que apesar de viver em uma cidade conservadora, esconder sua sexualidade de todos, seria privar-se de viver a sua verdade. Confrontando a mente conservadora dos moradores e especialmente a do próprio pai, André revela sua identidade

sexual em um momento marcante e significativo da passagem de autoafirmação do personagem, resultado da sua jornada e construção durante a obra.

Ao criar personagens e um enredo conciso e ciente do público que pretende alcançar, Lucas Rocha aproxima o leitor da obra. Sentir-se representado é algo que sempre foi necessário para que pessoas queer que estão inseridas em um ambiente heteronormativo, compreendam e vislumbrem uma realidade ao qual a sua identidade possa ser performada à sua própria maneira. E neste ponto a principal questão, e potencialmente a mais importante da obra, é revelada, a representatividade.

6 Considerações finais

Ao buscar compreender as representações dos personagens protagonistas homoafetivos masculinos na literatura brasileira contemporânea, nos deparamos com a ideia de gênero binário e suas formas de representação social. O binarismo é uma construção social que tem alimentado o preconceito com o diferente, ou seja, tudo que fuja de um padrão normativo hegemônico é consequentemente considerado estranho (*queer*). Sendo assim, os Estudos Queer contribuem para esse debate ao trazerem a ideia da performance de gênero e explicarem que o padrão heteronormativo de gênero é imposto socialmente e perpetuado como uma ferramenta da manutenção de poder. Uma vez que o padrão heteronormativo é imposto, ele é considerado o “ideal” para todos, e aquelas pessoas que não o seguirem, ou melhor, não performaram conforme padrões heteronormativos, terão, consequentemente, suas identidades expostas e marginalizadas. Ou seja, a hegemonia e manutenção da performance heteronormativa se dá através da imposição socialmente construída.

Nas produções culturais brasileiras, como novelas e filmes, produzidas a partir dos anos 2000, a diversidade de representações de gênero tomou a pauta em diversas produções e serviu de tema para os autores. No entanto, percebemos que a representação de gênero em obras mais antigas não priorizavam personagens queer em papéis de protagonismo e/ou eram quase sempre representados com características marginalizadas socialmente ou ainda lhe eram atribuídos trejeitos “cômicos” a fim de divertir e agradar o público heteronormativo.

Os personagens apresentados por Lucas Rocha em *Rumores da Cidade* seguem outra linha de representatividade. André, apesar de não performar sua identidade socialmente, não vê tabus ao se auto-identificar como homem gay, o que representa a realidade de pessoas queer que se encontram no dilema de revelar ou não sua identidade sexual diante das pessoas. Ao se encontrarem neste dilema, preferem performar uma identidade heteronormativa, para que assim, sejam aceitos. Porém, ao fazer isso, o sentimento de não pertencimento toma conta do indivíduo. A partir deste sentimento, os personagens buscam a evasão, a busca por lugar capaz de acolhê-los e incluí-los. A ideia de evasão muitas vezes é o principal ideal construído por jovens queer, que ao conviverem em um ambiente que oprime suas identidades, imaginam uma realidade “ideal”, fora do contexto onde vivem.

Enquanto houver a perpetuação das normas heteronormativas na sociedade, o que resta para muitos personagens e pessoas queer é vislumbrar uma outra realidade ou espaço onde tudo seja diferente, onde nossos corpos não sejam objetificados ou alvos da violência, onde a

felicidade encontre a todos. A representação dos nossos corpos na literatura de forma digna e otimista, é um grande avanço na luta pelos nossos direitos e busca por espaços, mas não é só isso, é também esperança. A esperança de que iremos mudar o mundo um pouquinho de cada vez.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Companhia das letras, 2019.

FARIA, Ana Elisa. **Por que a fanfic queer é tão relevante?** 2023. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/qual-e-a-sua-historia/por-que-a-fanfic-queer-lgbt-e-tao-relevant-e/> Acesso: 2024

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. Revisão, Bernardo RB. Tradução Jamille Pinheiro Dias. Editora Chão de Feira, 2018.

CARUZO, Matheus Svóboda. DEVASSOS NO PARAÍSO: A HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL, DA COLÔNIA À ATUALIDADE. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 31, n. 2, 2020

COELHO, Rafael Senra. NOTAS SOBRE A FUNDAÇÃO LITERÁRIA ROMÂNTICA, MODERNISTA E CONTEMPORÂNEA NO BRASIL. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 38, p. 29-40, 2022.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler**. Revista Criação & Crítica, n. 20, p. 40-55, 2018.

ROCHA, Lucas. **Rumores da Cidade**. Editora Alt, 2022.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer Um Aprendizado pelas Diferenças**. Autêntica Editora; 1ª edição, 2017.

POMPÉIA, Raul. **O ateneu**. Ateliê Editorial, 1999.

TONON, Joseana B. Recepção de telenovelas: identidade e representação da homossexualidade. Um estudo de caso da novela "Mulheres Apaixonadas". **Comunicação & Informação**, v. 9, n. 1, p. 30-41, 2006.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **Do fã consumidor ao fã navegador: o fenômeno fanfiction**. Passo Fundo, 2005. 210f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2005.